

DO COTIDIANO À TELA: CURTAS-METRAGENS E DOCUMENTÁRIOS ESCOLARES COMO CAMINHOS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E CRÍTICA



FROM EVERYDAY LIFE TO THE SCREEN: SHORT FILMS AND SCHOOL DOCUMENTARIES AS PATHWAYS TO MEANINGFUL AND CRITICAL LEARNING

BRUNO DE SOUZA RODRIGUES FERREIRA

Graduação em Licenciatura em História – pela Universidade Camilo Castelo Branco – UNICASTELO (2007); Graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Anhembi Morumbi (2024); Especialização em Educação e Inovação: metodologias e desafios emergentes, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (2026), Professor de Ensino Fundamental II e Médio – História – na EMEF Henrique Souza Filho Henfil e na EE Nossa Senhora da Penha.

RESUMO

O estudo investiga o uso do audiovisual escolar como caminho para uma aprendizagem significativa e crítica na rede pública. Acorado em Freire, Bergala e Soares, o trabalho adota uma abordagem qualitativa, o relato de experiência e a pesquisa bibliográfica. Os resultados demonstram que, ao produzirem curtas, documentários e longas-metragens baseados em suas realidades e na história de seus bairros, os estudantes rompem com a passividade da educação bancária, desenvolvem multiletramentos e exercem profundo protagonismo juvenil.

Palavras-chave: Educomunicação; Cinema Escolar; Protagonismo Juvenil; Aprendizagem Significativa; Educação Humanizadora.

ABSTRACT

This study investigates the use of audiovisual media in schools as a pathway to meaningful and critical learning within the public education system. Grounded in the theories of Freire, Bergala, and Soares, the work employs a qualitative approach, utilizing experience reports and bibliographic research. The results demonstrate that by producing short films, documentaries, and feature films based on their own realities and the history of their

neighborhoods, students break away from the passivity of "banking education," develop multiliteracies, and exercise a profound sense of youth agency.

Keywords: Educommunication; School Cinema; Youth Agency; Meaningful Learning; Humanizing Education.

INTRODUÇÃO

A escola pública contemporânea enfrenta o desafio de dialogar com as realidades plurais, dinâmicas e hiperconectadas vivenciadas por seus estudantes. No cotidiano escolar, a fragmentação dos saberes e o distanciamento dos estudantes de sua própria produção intelectual — o que Paulo Freire denominava "educação bancária" — tornam-se barreiras para o engajamento juvenil. Os modelos tradicionais de ensino, muitas vezes focados na transmissão vertical de informações preestabelecidas, encontram um obstáculo adicional no cenário atual: a dificuldade de manter os estudantes ativos, participantes e interessados em salas de aula que frequentemente ignoram o mar de informações, estímulos digitais e tecnologias que moldam o cotidiano fora dos muros escolares.

Diante desse panorama, o problema central não reside na escassez de acesso à informação, mas na incapacidade de dar sentido a ela. Conforme as transformações cada vez mais aceleradas pelas tecnologias digitais mudam a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem, as novas gerações precisam aprender a ler, decodificar e interagir criticamente com as diversas mídias para exercer plenamente a sua cidadania. É nesse cenário que a educação midiática, alinhada a uma educação humanizadora, apresenta-se como um horizonte ético e político, tendo a emancipação, o diálogo e o reconhecimento do sujeito como eixos centrais.

Inserida nessa perspectiva, esta pesquisa compreende que o cinema e a linguagem audiovisual não devem ser tratados de forma utilitária ou meramente ilustrativa, limitando-se às fábulas ou à apreciação passiva de histórias. Pelo contrário, o cinema é aqui compreendido como uma arte que congrega estética, lazer, ideologia e valores sociais, servindo como uma poderosa linguagem dos sentidos, capaz de transmitir significados que a linguagem discursiva ou estritamente científica, por si só, muitas vezes não alcança.

Fundamentado em mais de uma década e meia de prática docente em escolas públicas, no reconhecimento por premiações educacionais municipais e nacionais, e na atuação como professor formador de professores na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo abordando a educação através da produção de curtas-metragens, este trabalho investiga o uso do audiovisual não apenas como recurso didático, mas como práxis pedagógica. Partindo do título "Do cotidiano à tela: Curtas-metragens e documentários escolares como caminhos para uma aprendizagem significativa e crítica", a proposta coloca os estudantes no centro do processo como produtores de cultura, investigadores de seu próprio território e sujeitos de suas próprias narrativas.

A RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A relevância acadêmica, social e prática desta pesquisa estrutura-se em dimensões articuladas entre si:

- **A DIMENSÃO PEDAGÓGICA E OS MULTILETRAMENTOS:** O estudo da linguagem cinematográfica mostra-se essencial para capacitar os alunos a lidarem com o texto multimodal, inserindo-os de fato no campo dos multiletramentos. Ao introduzir a produção de curtas-metragens e documentários no currículo, a escola supera o entretenimento vazio e assume o cinema como elemento formador. Isso promove metodologias ativas em que professor e estudantes aprendem juntos: o docente atua como mediador e o aluno assume o protagonismo. Essa dinâmica favorece uma abordagem interdisciplinar, integrando diferentes áreas do conhecimento, desenvolvendo competências socioemocionais e ressignificando o espaço escolar por meio de uma aprendizagem baseada em problemas reais.
- **A DIMENSÃO SOCIAL, INVESTIGATIVA E A MEMÓRIA TERRITORIAL:** Os jovens das escolas públicas possuem histórias ricas, urgentes e muitas vezes invisibilizadas. Utilizando a História Oral como fio condutor metodológico, a proposta fomenta pesquisas, investigações e entrevistas com agentes da comunidade escolar, transformando o vídeo escolar em uma verdadeira fonte historiográfica. O território da escola torna-se, assim, um laboratório de investigação da identidade, da história do bairro e dos desafios sociais. Por meio da educomunicação, os estudantes desenvolvem uma consciência crítica sobre a utilização das ferramentas midiáticas, rompendo com a posição de espectadores passivos da mídia hegemônica.
- **A DIMENSÃO POLÍTICA, A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E O SERVICE LEARNING:** Acredita-se firmemente que os estudantes são amplamente capazes de produzir curtas-metragens e documentários de altíssima potência estética e política. Quando engajados em produções que abordam a resolução de problemas cotidianos, a mediação de conflitos e as realidades de sua comunidade, os alunos mobilizam estratégias de intervenção social. Essa prática dialoga com conceitos como a ecologia da ação, o *service learning* (aprendizagem em serviço) e o *advocacy*, provando que a escola pode ser um polo ativo de transformação social, onde o conhecimento gerado ecoa para além dos muros escolares através do olhar crítico da juventude.

DO COTIDIANO À TELA: CURTAS-METRAGENS E DOCUMENTÁRIOS ESCOLARES COMO CAMINHOS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E CRÍTICA.

A análise da práxis pedagógica desenvolvida ao longo de mais de 15 anos de atuação na rede pública revela que a introdução da linguagem audiovisual e da produção de curtas-metragens e documentários vai muito além da simples aquisição de técnicas de manuseio de equipamentos ou de edição de vídeos. O percurso prático, sistematizado e avaliado de forma contínua por meio de observações diárias, rodas de conversa e escuta ativa, demonstra que a atividade cinematográfica constitui um ecossistema complexo de aprendizagem colaborativa, investigação crítica do território, intervenção social e multiletramentos.

Abaixo, os resultados empíricos desta trajetória são discutidos e problematizados à luz dos referenciais teóricos que fundamentam este estudo.

O TRABALHO COLABORATIVO E A SUPERAÇÃO DA “EDUCAÇÃO BANCÁRIA”

Um dos aprendizados mais evidentes na condução das produções audiovisuais ao longo dos anos é a centralidade do trabalho colaborativo. A jornada de elaboração de um curta-metragem — que transita desde a concepção abstrata da ideia até a sua projeção final — exige uma divisão rigorosa de tarefas e um compromisso

mútuo inegociável. Se os estudantes não assumirem coletivamente a responsabilidade por funções essenciais como roteirização, direção, operação de câmera, captação de som e edição, o objetivo pedagógico e a própria execução do artefato diluem-se.

Essa dinâmica empírica colide frontalmente com o modelo tradicional de ensino denunciado por Paulo Freire (1996), a chamada "educação bancária", na qual o professor atua como o único depositário do conhecimento e os alunos ocupam uma posição estática e passiva. Na perspectiva da produção cinematográfica autoral, o papel docente transforma-se radicalmente: o professor deixa de ser o transmissor de verdades prontas e assume a função de mediador, provocador e orientador das etapas de criação.

Como apontam Bacich e Moran (2018) ao tratarem das metodologias ativas, quando os estudantes se engajam na resolução de problemas reais e na construção de artefatos concretos, a aprendizagem se desprende do caráter meramente abstrato ou memorístico. Ao se depararem com a necessidade de tomar decisões estéticas e narrativas, surgem questionamentos inevitáveis: Como contar esta história de forma empática? Qual o enquadramento mais adequado para explicitar essa emoção? Como superar os limites técnicos com criatividade? Qual trilha sonora utilizar? Como resolver esse conflito?

A avaliação contínua e formativa realizada nas rodas de conversa — momentos em que os discentes exercem total autonomia para opinar, criticar e reorientar os rumos da produção — corrobora a tese de Alain Bergala (2008) em *A Hipótese Cinema*. Para o teórico francês, introduzir o cinema na escola não significa ensinar receitas técnicas engessadas nem formar tecnocratas do audiovisual, mas sim criar as condições de possibilidade para que crianças e jovens estabeleçam uma relação viva, autônoma, descentralizada e reflexiva com a criação artística. Garante-se, assim, o protagonismo na escolha dos caminhos estéticos e a autoria sobre o próprio percurso intelectual.

Na Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo, a educação é organizada por ciclos. No Ciclo Autoral, referente aos estudantes do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, o foco reside no protagonismo estudantil e na ampliação dos saberes para que os adolescentes compreendam criticamente a realidade social, cultural e ambiental em que vivem. Esse é o eixo central do ciclo. Nele, os estudantes desenvolvem um projeto de intervenção social ao longo de três anos, orientados por professores, culminando em uma apresentação final no 9º ano.

Atuando como professor no Ciclo Autoral e buscando ampliar as possibilidades de pesquisa e produção, apresentei aos estudantes a alternativa de desenvolver a investigação por meio da linguagem audiovisual. Durante o processo, observei o elevado engajamento dos alunos, que reconheceram a potência de expor suas pesquisas por meio de imagens e sons. Vale ressaltar que isso não implica abandonar a linguagem escrita ou a produção textual tradicional. Para realizar um curta, longa ou documentário, há um planejamento rigoroso que resulta em um roteiro composto pela prática de leitura e escrita. A elaboração do roteiro ocorre de forma coletiva, dialógica e participativa: os estudantes constroem a narrativa, o professor atua na mediação e os estudantes figuram como protagonistas. A escrita permanece, mas a gramática se amplia, agregando a imagem e o som na construção de suas histórias.

TEMÁTICAS DO COTIDIANO E O POTENCIAL CRÍTICO E DIDÁTICO DO VÍDEO ESCOLAR

A escolha dos temas que compõem o repertório das produções reflete diretamente as urgências do universo juvenil e as dinâmicas sociais que perpassam a escola pública. Ao longo da práxis analisada, os roteiros nasceram invariavelmente de pautas trazidas, debatidas e validadas pelos próprios estudantes: *bullying*, gravidez na adolescência, uso abusivo de álcool e outras drogas, problemas de infraestrutura do bairro, imposição de padrões de beleza, *fake news*, o impacto do hiperestímulo digital e das redes sociais, as manifestações do machismo e, também, a ressignificação da memória histórica local, como no documentário comemorativo dos 30 anos da unidade escolar (EMEF Henfil).

Nessa perspectiva, a produção audiovisual torna-se um meio capaz de aproximar e engajar os estudantes na pesquisa sobre os temas abordados. Em um cenário no qual os jovens são bombardeados por informações de mídias diversas, formá-los de modo crítico e capacitá-los para produzir suas próprias histórias com responsabilidade e discernimento constitui um papel fundamental da educação contemporânea.

Esse panorama é válido e amplia o que Napolitano (2022) discute sobre a necessidade urgente de superar o uso empobrecido do cinema em sala de aula — historicamente reduzido a mero "passatempo", recurso pré-férias ou ilustração passiva de conteúdos didáticos. Quando o estudante assume o lugar de sujeito criador de sua própria narrativa, a linguagem audiovisual recupera sua dimensão intrínseca de arte, articulando de forma indissociável a dimensão estética, a fruição, a ideologia, a ética e os valores sociais.

Na primeira edição do festival de cinema municipal em cuja organização participei, registrou-se a participação de estudantes do Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foram 60 inscrições, envolvendo 47 unidades de ensino de diferentes regiões de São Paulo. Cada curta entregue trouxe narrativas em ficção, documentário ou animação, mobilizando aprendizagens múltiplas que continuam a repercutir nas práticas pedagógicas das escolas.

Essa participação expressiva revelou produções de grande potência, que abordam o cotidiano com sensibilidade e seriedade. Além de favorecer a aprendizagem dos envolvidos, os curtas servem como disparadores pedagógicos para outras turmas da escola. Para incentivar a participação dos docentes no festival, criou-se o curso "Curtas na Escola: produzindo vídeos e promovendo aprendizagens". O curso fundamenta-se na constatação de que a contemporaneidade é marcada por uma imersão audiovisual sem precedentes. Se outrora o cinema era restrito aos grandes estúdios, a popularização dos *smartphones*, de câmeras acessíveis e de plataformas de *streaming* democratizou a produção de imagens e sons.

O projeto "Curtas na Escola" nasce da compreensão de que o fazer cinematográfico é um aliado do processo de ensino-aprendizagem. Ao retirar o estudante da posição de espectador passivo e colocá-lo como autor/cineasta, promove-se uma alfabetização midiática lúdica e engajadora. Sob a perspectiva construcionista: aprende-se "colocando a mão na massa" ao resolver problemas de produção, iluminação e roteiro. A prática mobiliza os eixos de letramento digital e visual, estimulando o pensamento crítico, a comunicação multimodal e o pertencimento.

O FLUXO DIDÁTICO DA PRODUÇÃO: DA SENSIBILIZAÇÃO À MONTAGEM

O processo pedagógico que sustenta a elaboração do curta-metragem estrutura-se em quatro etapas encadeadas:

ESCOLHA TEMÁTICA, SENSIBILIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO: Ao eleger o tema, cria-se um vínculo afetivo e cognitivo imediato. Nas rodas de conversa, o professor atua como mediador freireano, formulando perguntas problematizadoras que desnaturalizam o senso comum. Com recursos digitais, a turma realiza pesquisas coletivas sobre o assunto em artigos, dados e reportagens.

ESCRITA COLETIVA DO ROTEIRO: O debate resulta na construção do roteiro. A escrita coletiva exige negociação de pontos de vista, estruturação de diálogos críveis e exercício da escuta ativa.

GRAVAÇÃO E GESTÃO DE TENSÕES: As filmagens constituem um laboratório vivo de competências socioemocionais (comunicação, atuação, empatia e liderança). Como o set de gravação escolar está sujeito a divergências e imprevistos técnicos, torna-se necessária a repactuação do "contrato didático" (acordos de convivência e foco), transformando o conflito em oportunidade pedagógica.

MONTAGEM, LEITURA CRÍTICA E METACOGNIÇÃO: A edição pode ser realizada por um grupo específico ou acompanhada por toda a turma. A equipe apresenta a montagem justificando as escolhas de cortes, enquadramentos e efeitos sonoros, processo que estimula a metacognição e a alfabetização audiovisual crítica.

DA EXIBIÇÃO COMUNITÁRIA AOS TRANSBORDAMENTOS DO CANAL HENFILMES

O impacto do engajamento estudantil atinge seu ápice na difusão dos filmes. A realização de festivais escolares e municipais transforma a exibição em um evento pedagógico e social. Os estudantes sobem ao palco para discutir escolhas estéticas e temáticas, e os curtas passam a compor o acervo didático da escola, servindo como disparadores para debates sobre *bullying*, machismo, saúde mental, cidadania e entre outros temas. A identificação entre pares supera a apatia e a desmotivação do ensino tradicional.

O impacto transbordou os muros escolares com a criação do canal Henfilmes na internet, que alcançou a marca de mais de 8 milhões de visualizações, demonstrando a potência comunicativa e o alcance da produção audiovisual periférica e autoral no ecossistema digital.

Em 2020, durante a pandemia de COVID-19, realizou-se o 1º Festival de Cinema da EMEF Henfil (Jardim Marilu, São Paulo). De forma remota, foram disponibilizadas videoaulas de cinema, fotografia e *stop motion*, além de orientações via Google Meet. A despeito do isolamento, obtiveram-se 6 animações em *stop motion* produzidas pelos alunos em suas casas.

Em 30 de outubro de 2021, a EMEF Henrique Souza Filho - Henfil promoveu o 2º Festival de Cinema com o tema "O Dilema das Redes Sociais", integrando o Dia da Família na Escola. Foram produzidos 12 curtas (5 do Ensino Fundamental I e 7 do Ensino Fundamental II). A avaliação envolveu votação *online* por júri popular e avaliação por júri técnico (composto por professores da unidade, pelo coordenador do Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo e por docente mestrando em cinema). Os critérios adotados foram coerência temática, impacto e roteiro, além de premiação para Ator/Atriz Revelação. O curta

"Vamos Brincar" (1º ano B) venceu no Ensino Fundamental I, e "Campanha Eleitoral Hackeada" (roteiro de Ingrid Vital, 9º ano B) venceu no Ensino Fundamental II.

A estudante Geovana Moreira (9º ano) destacou a importância de discutir o vício, padrões de beleza, ataques cibernéticos e o "cancelamento" nas redes sociais, enfatizando ter aprendido todas as etapas de produção audiovisual. A coordenadora pedagógica Deise Alconchel reforçou que a escola tem o dever de contribuir para a formação digital responsável e crítica por meio do trabalho interdisciplinar e do protagonismo estudantil. Carlos Lima, coordenador do Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo e membro do júri técnico, destacou como os recursos digitais cotidianos facilitaram o engajamento e a democratização do acesso às produções pelas famílias, servindo de modelo para cineclubes escolares na cidade.

O TERRITÓRIO COMO FONTE HISTORIOGRÁFICA E A EDUCOMUNICAÇÃO

Outro eixo norteador refere-se à investigação do bairro por meio da História Oral e da pesquisa de campo. A construção do documentário histórico dos 30 anos da EMEF Henfil evidenciou o rigor metodológico dos alunos na seleção de entrevistados, no mapeamento de memórias, na roteirização e na escuta sensível de antigos moradores, funcionários e lideranças locais.

Essa prática dialoga diretamente com a Educomunicação (SOARES, 2011; MOOJEN et al., 2025), que propõe a apropriação crítica e democrática dos meios comunicativos como condição para o exercício da cidadania. Ao usarem a câmera como lente de investigação social, os estudantes superam a recepção passiva da mídia hegemônica, reconhecendo que seu território é portador de história, cultura e saberes legítimos.

O rigor na coleta das fontes orais conferiu ao vídeo escolar a condição de fonte historiográfica autêntica. Esse processo fortaleceu o sentimento de pertencimento, a valorização da memória coletiva e a aplicação da aprendizagem em serviço (*service learning*), na qual a pesquisa escolar resulta em intervenção cultural comunitária.

MULTILETRAMENTOS, TRANSFERÊNCIA DE HABILIDADES E IMPACTO NOS TRABALHOS COLABORATIVOS DE AUTORIA (TCA)

A apropriação da gramática audiovisual e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) impulsionou uma expansão significativa dos multiletramentos (ROJO, 2009). Produzir e interpretar textos multimodais (articulando texto escrito, imagem, trilha sonora e enquadramentos) mobiliza competências cognitivas e socioemocionais complexas.

A autoria pedagógica no audiovisual desenvolve autonomia intelectual duradoura (VERSUTI; LIMA, 2021), evidenciada quando um projeto concebido como curta-metragem desdobrou-se organicamente em um longa-metragem.

Ademais, observou-se a transferência dessas habilidades para os Trabalhos Colaborativos de Autoria (TCAs), desenvolvidos no 9º ano da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Durante a elaboração e defesa dos TCAs, diversos grupos passaram a adotar espontaneamente o audiovisual como linguagem central de pesquisa e apresentação, alocando rigor científico, estética e criatividade.

Em síntese, os resultados acumulados ao longo de mais de uma década e meia de prática docente comprovam que a produção cinematográfica na escola pública não constitui um mero apêndice curricular ou atividade recreativa. Trata-se de um caminho metodológico denso, estruturado e altamente eficaz. Ao articular pesquisa histórica, rigor técnico, expressão poética, criticidade, intervenção comunitária e humanização, a práxis audiovisual demonstra que, quando oferecidas as condições adequadas, o tempo pedagógico e a escuta atenta, os jovens das periferias são plenamente capazes de analisar, ressignificar e narrar o seu próprio mundo com densidade política e excelência estética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de mais de 15 anos de práxis pedagógica sistematizada nesta pesquisa demonstra que a inserção da linguagem audiovisual cinematográfica na escola pública não constitui uma atividade periférica ou recreativa, mas sim um eixo estruturante de uma educação humanizadora, emancipatória e crítica.

A SUPERAÇÃO DA “EDUCAÇÃO BANCÁRIA” E O TRABALHO COLABORATIVO: O estudo comprovou que o cinema na escola rompe com a transmissão passiva de conteúdos (FREIRE, 1996). A divisão de tarefas exige compromisso coletivo, tornando o professor um mediador e os estudantes protagonistas (BACICH; MORAN, 2018).

O PROTAGONISMO JUVENIL E O ENGAJAMENTO CRÍTICO: Ao abordarem temas como *bullying*, *fake news*, excesso de telas, machismo e desafios do bairro, os alunos traduziram suas realidades em obras de alta potência estética e política. A exibição no canal Henfilmes (superando 8 milhões de visualizações) confirmou o potencial de mobilização das produções feitas entre pares.

O TERRITÓRIO COMO FONTE HISTORIOGRÁFICA E A EDUCOMUNICAÇÃO: A História Oral viabilizou a investigação da memória comunitária. Pela educomunicação (SOARES, 2011; MOOJEN et al., 2025), os jovens decodificaram mídias hegemônicas e converteram o vídeo em fonte de memória local (*service learning*).

MULTILETRAMENTO E A EXPANSÃO ACADÊMICA: A gramática audiovisual ampliou os multiletramentos (ROJO, 2009; VERSUTI; LIMA, 2021), impactando diretamente a qualidade dos Trabalhos Colaborativos de Autoria (TCAs) no 9º ano.

PERSPECTIVAS FUTURAS: O AUDIOVISUAL COMO POLÍTICA PÚBLICA E COMPONENTE CURRICULAR

Os resultados demonstram que este modelo pedagógico possui condições técnicas e metodológicas de ser replicado em unidades de ensino de todo o Brasil. Mais do que uma estratégia opcional, a produção cinematográfica escolar deve ser concebida como uma política pública estruturada de âmbito nacional.

A perspectiva futura mais urgente é a consolidação da produção audiovisual como componente curricular autônomo nas escolas brasileiras. Garantir espaço no currículo para que crianças e jovens aprendam a ler, pesquisar, roteirizar, filmar e editar suas histórias é assegurar o direito à autoria, demonstrando que a escola pública, pela lente da câmera, capacita seus estudantes a escreverem seu próprio mundo.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BERGALA, Alain. **A hipótese cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema na escola e fora dela**. Tradução: Robert Miller. São Paulo: Círculo de Mulheres, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

DE OLIVEIRA RIBEIRO, Danielle. **Pedagogia e cinema como arte em escolas da rede pública**. Revista Desenvolvimento & Civilização, v. 5, n. 2, p. 1-15, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO CLARO. **Educomunicação: projeto audiovisual Henfilmes estimula autonomia de estudantes**. Instituto Claro, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/videos/educomunicacao-projeto-audiovisual-henfilmes-estimula-autonomia-de-estudantes/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

INSTITUTO CLARO. **5 livros para fazer cinema com os alunos na escola**. Instituto Claro, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/5-livros-para-fazer-cinema-com-os-alunos-na-escola/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2015.

MOOJEN, Pedro; NEVES, Laíse; STEFFEN, Débora et al. **Educom.Cine: audiovisual, educação e cidadania**. In: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL, 43., 2025, Chapecó. Anais [...]. Chapecó: SEURS, 2025.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e alfabetização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SÃO PAULO (Estado). G1 SP. **Diário de Escola: alunos de escolas municipais de SP aprendem jornalismo no programa Imprensa Jovem**. G1, São Paulo, 02 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/educacao/noticia/2019/10/02/diario-de-escola-alunos-de-escolas-municipais-de-sp-aprendem-jornalismo-no-programa-imprensa-jovem.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da cidade: Ensino Fundamental: Tecnologias para Aprendizagem**. São Paulo: SME/COPED, 2017.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Comunicado nº 123, de 07 de abril de 2026. **Curso "Curtas na Escola: produzindo vídeos e promovendo aprendizagens"**. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, São Paulo, ano 71, n. 68, p. 22, 08 abr. 2026.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Estudantes produzem filmes para festival de cinema da escola**. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/estudantes-produzem-filmes-para-festival-de-cinema-da-escola/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **1º Festival de Cinema Estudantil de São Paulo celebra o protagonismo e a arte**. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/1o-festival-de-cinema-estudantil-de-sao-paulo-celebra-o-protagonismo-e-a-arte/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SILVA LIMA, Giselle Maria Carvalho da. **Educação e cinema na Rede Municipal do Recife**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO, 11., 2023, Aracaju. Anais [...]. Aracaju: SIMEDUC, 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

VERSUTI, Andrea Cristina; LIMA, Erico Vinicius Monnerat. **O aluno em foco: um panorama sobre a produção audiovisual de documentários por estudantes em contexto escolar**. Cadernos de Pós-Graduação, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 45-62, 202